

Lesbianidade em campo: afeto e desejo entre jogadoras de futebol brasileiras

Mariane da Silva Pisani¹²

Resumo: O Brasil conta com algumas produções acadêmicas sobre mulheres lésbicas e lesbianidades. Contudo, mesmo com a quantidade de material produzido sobre a temática, poucos são os trabalhos acadêmicos brasileiros dedicados ao estudo das práticas afetivas e eróticas entre mulheres esportistas – sobretudo nos espaços físicos de prática esportiva como campeonatos, vestiários, quadras/campos. Dessa forma, a partir de cenas etnográficas, esse artigo se propõe a analisar como o futebol torna-se um espaço – físico e social - que permite que algumas mulheres vivenciem práticas afetivas e homoeróticas com outras mulheres também jogadoras de futebol.

Palavras chave: Marcadores sociais da diferença, lesbianidades, mulheres, futebol.

Introdução

“Em 1983, jogavam América X Olaria. A centroavante do América, Verônica, perdeu dois gols incríveis, cara a cara com a goleira adversária. A partida terminou 0 x 0. Logo depois descobriram que Verônica estava namorando a goleira.

(...)

Durante uma partida entre as seleções de São Paulo e Paraná uma jogadora paranaense deslocava a todo instante para a lateral. Até que conseguiu entregar o seu número de telefone para a bandeirinha Silvia Regina de Oliveira, com a recomendação: ‘Me liga, tá?’

(...)

Segundo os funcionários da Granja Comary, em Teresópolis, mesmo considerando os tempos de Romário e cia., as meninas dão muito mais trabalho do que os homens quando estão hospedadas por ali. ‘É um tal de uma trocar de quarto com a outra’, conta um deles. Prevenido depois de ouvir histórias como essa, Ademar Junior,

¹ Doutoranda em Antropologia Social na Universidade de São Paulo – marianepisani@gmail.com

² Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento dessa pesquisa de doutorado.

técnico das meninas no Mundial da Suécia, tomou uma atitude radical. ‘Virei zumbi’, afirma. ‘Ficava a madrugada inteira zanzando no corredor’.”

Sessão Histórias da bola, Revista Placar, 1996, p. 51.

No ano de 1996, após sete anos da revogação do Decreto-Lei que proibia o Futebol Feminino no Brasil (FRANZINI, 2005; CAPUCCIN, 2015), pudemos acompanhar na Revista Placar, maior veículo de divulgação de notícias esportiva à época, a proliferação de reportagens e fotografias relacionadas à nova modalidade que se desenvolvia no país. No trecho acima, nas três pequenas histórias descritas entre a jocosidade e a curiosidade, pode-se notar que existe apenas um assunto abordado: o relacionamento amoroso e sexual entre mulheres.

O Brasil conta com algumas produções acadêmicas sobre lesbianidades que podem ser divididas e apresentadas da seguinte maneira: a) mulheres lésbicas na literatura (HOLANDA, 2015; FACCO, 2003); b) maternidade entre mulheres lésbicas (FARIAS, 2012; GROSSI, 2002); c) métodos reprodutivos entre mulheres lésbicas (AMORIN, 2013; SILVA, 2013; AIRES, 2012); d) mulheres lésbicas e raça (MARCELINO, 2011; MEDEIROS, 2006); e) afeto, desejo e sexualidade entre mulheres lésbicas (OLIVEIRA, 2016; MEINERZ, 2011; PIASON, 2009), f) sociabilidade entre mulheres lésbicas (LACOMBE, 2005); g) política e diversidade para mulheres lésbicas (FACCHINI, 2010). Esse material bibliográfico pode ser encontrado nas áreas de Letras e Literatura, Sociologia, História, Antropologia, Psicologia, Direito e Saúde.

Contudo, mesmo com a quantidade de material produzido sobre a temática, poucos são os trabalhos acadêmicos brasileiros dedicados ao estudo das práticas afetivas e eróticas entre mulheres esportistas – sobretudo nos espaços físicos de prática esportiva como campeonatos, vestiários, quadras/campos. Menos comuns ainda, são os trabalhos que se propõem a fazer uma intersecção de outras categorias marcadoras de diferença, como raça e classe, entre mulheres lésbicas esportistas. Sabemos que o esporte é uma atividade intrinsecamente social que propicia o estudo de inúmeros aspectos estruturantes da vida humana (ELIAS, DUNNING; 1985), sendo assim, a sexualidade das mulheres é mais uma das facetas que a prática esportiva nos permite observar, analisar e descrever, mas que até agora permaneceu invisível aos olhos, ouvidos e mãos de pesquisadores e pesquisadoras das Ciências Sociais e Humanas.

Ao identificar essa lacuna, esse artigo se propõe a analisar como o futebol torna-se um espaço – físico e social - que permite que algumas mulheres vivenciem práticas afetivas e homoeróticas com outras mulheres. A lesbianidade entra aqui, portanto, como uma categoria analítica que nos permite o debruçar sobre o material etnográfico. Também são analíticas as categorias de gênero, classe e raça que ao serem mobilizadas nesse artigo nos auxiliam a evidenciar como e em quais contextos algumas mulheres são desejadas – por outras mulheres - e quais não são.

O campo de pesquisa, por sua vez, faz parte dos últimos seis anos (2010-2016) de pesquisa etnográfica com mulheres brasileiras jogadoras de futebol de diversos estados brasileiros: Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Amazonas. Ao longo dos últimos anos, como método de trabalho, realizei entrevistas diretas e semidiretas; capturei fotografias das partidas, dos treinos e do cotidiano delas; joguei alguns jogos em campeonatos e em treinos; convivi e estive presente em muitos momentos de suas vidas dentro e fora de campo.

As cenas etnográficas desse artigo só podem ser revividas e apresentadas nesse momento, depois de um longo, extenso e variado trabalho de campo. Falar sobre lesbianidades – localizando, geográfica e socialmente, as mulheres com as quais convivi - poderia trazer para elas, mulheres, inúmeros problemas pessoais, como por exemplo: desavenças com familiares que não aceitam esse tipo de sexualidade; patrocinadores que se recusam a associar sua imagem às mulheres que fogem ao padrão heteronormativo no qual a performance de gênero da mulher, a sexualidade heterossexual e a corporeidade do que se entende por feminina precisam estar em perfeita consonância; imprensa que macula a imagem de mulheres atletas, sobretudo atletas lésbicas e negras.

Tendo isso em vista, ao organizar os dados desloco as interlocutoras: mudo seus nomes, suas cidades, o nome de suas equipes, tudo para que elas não possam ser localizadas pelos leitores e leitoras. Por outro lado, não modifico suas falas, não intercalo as vivências entre si, não mudo suas idades, cores e nem seus backgrounds familiares.

O artigo, portanto, está estruturado da seguinte maneira: primeiro, apresento e respondo quem são essas mulheres com as quais conduzi etnografia nos últimos seis anos, e como a vida social delas é estruturada. Assim consegue-se fornecer às(aos) leitoras(es) a possibilidade concreta de localizar essas mulheres dentro do cenário social brasileiro. Segundo, trago para o debate algumas cenas onde a construção das sexualidades lésbicas das

atletas fica em evidência. Por fim, mostro como o futebol pode ser um espaço propício para que essas mulheres vivenciem práticas afetivas e homoeróticas entre si, e como essas práticas são transformadoras e significantes em suas vidas.

Quem são as mulheres jogadoras de futebol no Brasil atualmente?

Atualmente, existem pelo menos quatro modelos de futebol onde podemos encontrar mulheres jogando: o profissional, o semiprofissional, o amador e o de lazer³. Esses modelos não são estágios sucessivos, nos quais elas poderiam galgar uma trajetória de sucesso. Pelo contrário, esses modelos futebolísticos na modalidade feminina estão intrinsicamente relacionados e são coexistentes entre si. Por exemplo: uma jogadora pode passar por todos eles ao longo de sua trajetória esportiva, mais de uma vez; ou mesmo coexistir em dois – ou mais – modelos ao mesmo tempo. Elas só se definem como profissional, semiprofissional, amadora ou atleta de lazer quando realizam uma comparação de si mesmas com outras jogadoras.

O que vale ressaltar é que independente do modelo futebolístico onde as encontramos, as jogadoras possuem características em comum: estão na faixa etária que compreende dos treze até os trinta anos; são majoritariamente autodeclaradas negras; se definem como lésbicas ou bissexuais; pertencem às classes média-baixa e baixa da sociedade brasileira. Embora tenha convivido com, conhecido e realizado pesquisa entre atletas oriundas de classes alta e média, brancas e heterossexuais, a predominância entre mulheres jogadoras de futebol continua sendo a do perfil previamente mencionado.

Muitas das atletas possuem dificuldades de acesso, ou mesmo estão ausentes das escolas de qualidade, das universidades públicas do país, do sistema de saúde, dos trabalhos bem remunerados, dos circuitos de lazer e cultura das cidades em que moram. Elas costumam viver, geralmente, nas periferias das cidades onde jogam, em bairros considerados como detentores de expressivos índices de vulnerabilidade social. São bairros de difícil, quando não

³Os modelos *futebol profissional*, *semiprofissional*, *amador* e *de lazer* são entendidos de maneiras diferentes no futebol feminino e no futebol masculino brasileiro. Esse trabalho não visa comparar os dois esportes, que apesar de parecerem iguais em seus termos, possuem muitas particularidades que os tornam distintos. Ainda nesse sentido, os processos e os estágios percorridos pelas jogadoras em busca de profissionalização no futebol feminino nos renderia outro artigo. Nesse momento, portanto, indico a leitura do trabalho de Williams (2011), para compreender a utilização das categorias no futebol feminino, e do trabalho de Pisani (2012), para compreender a utilização das categorias no futebol feminino brasileiro.

ausente, acesso pelo transporte público, muitas vezes sem infraestrutura sanitária básica como rede de água, esgoto e coleta de lixo. Além disso, um fator que não pode passar despercebido, é a constante presença e bruta intervenção da polícia militar que elas vivenciam em seus bairros diariamente. Mais de uma vez, realizando etnografia, testemunhei a atuação violenta da polícia militar nas ruas e redondezas dos bairros onde essas mulheres moram.

Na composição familiar existem as figuras da mãe, dos(as) irmãos(ãs) e das avós. Pais podem estar presentes ou não. Esses familiares, em sua maioria, trabalham nas classes operárias, nas quais às mulheres é destinado, majoritariamente, o trabalho de empregada doméstica ou atendente de lojas têxteis/eletrodomésticos; e aos homens, os trabalhos na construção civil. Alguns familiares dessas atletas atuam ainda no setor terceirizado: como seguranças, serventes, telefonistas, funcionárias de cozinha e limpeza. Poucas foram as jogadoras que relataram ter familiares com cursos superiores ou mesmo ensino médio completo. Quando o curso superior existe, geralmente é na área da educação: havia alguns parentes que atuavam como professores de ensino fundamental e médio⁴.

É importante ressaltar, também, que grande parte dos parentes dessas atletas migraram de pequenas cidades nos interiores do Brasil, ainda no começo dos anos 1980, para grandes cidades brasileiras como São Paulo, Curitiba e Manaus. A partir de um projeto de vida coletivo (VELHO, 1994), o principal motivo alegado para esses fluxos migratórios foram as buscas por melhores condições de trabalho e vida. Essas migrações nacionais e deslocamentos entre os estados da federação são bastante comuns entre jogadoras de futebol e suas famílias (PISANI, 2012). Existem ainda aquelas jogadoras que não cresceram na presença dos seus genitores, sendo que, na maioria dos casos, o principal motivo para a ausência desses reside no envolvimento com o tráfico de drogas, acarretando encarceramento ou morte. Dessa forma, algumas das jogadoras que conheci viviam com avós, tias e/ou outras mulheres de suas famílias.

Entre as jogadoras, sobretudo entre as de classes mais baixas, existe a necessidade de um trabalho no contraturno dos treinos e jogos de futebol. É com essa remuneração, segundo elas, que conseguem custear o essencial para a manutenção de suas vidas: alimentação,

⁴O perfil observado e apresentado das mulheres brasileiras jogadoras de futebol dialoga intimamente com pesquisas que abordam aspectos referentes às classes populares, periferias e matrifocalidades. Essa discussão rende outro material de artigo e será trabalho na tese de doutorado com a devida profundidade que o tema requer.

transporte e aluguel. Algumas trabalham como recepcionistas de escritórios médicos, atendentes de call center e telemarketing, outras ainda como garçones em lanchonetes de fast food.

Tendo apresentado o background das mulheres jogadoras, trago a seguir os exemplos etnográficos que evidenciam a forma como elas elaboram e vivenciam sua sexualidade a partir e através da prática futebolística. São dados coletados em campo que nos ajudam a analisar como as lesbianidades se apresentam na prática esportiva e como produzem novos arranjos e possibilidades na vida dessas mulheres.

Etnografia de vestiário: sexualidades, sexo, afetos e desejos entre mulheres jogadoras de futebol

Em novembro de 2013, realizando etnografia junto a uma equipe que disputava um campeonato regional de futebol feminino, acompanhei de perto um episódio que gerou profundas reflexões sobre questões de raça e sexualidade no esporte.

Na noite anterior ao jogo de final de campeonato, uma notícia correu entre as atletas da equipe: a principal jogadora do time, com o joelho lesionado, não estaria em condições para jogar no dia seguinte. O fato causou preocupação e apreensão entre todas: como entrar em campo com um desfalque na equipe? Muito rapidamente, a fim de resolver a situação, a técnica da equipe ligou para uma colega, ex-jogadora de futsal na Espanha, e convidou-a para ocupar o espaço recém-vago na equipe. Ainda por telefone, Carla – a atleta chamada às pressas –, deu sua confirmação de que comparceria ao jogo, sem falta, e que ajudaria a equipe a vencer o campeonato.

No dia seguinte, poucas horas antes do jogo iniciar, as jogadoras embarcaram na van que as levaria até o local da partida. Avan, enviada pela prefeitura da cidade, não comportava muito mais de doze atletas, mas mesmo assim, as 20 jogadoras, a técnica e a antropóloga conseguiram se acomodar no veículo e partiram em direção a mais um jogo. O clima estava mais amenado que na noite anterior, uma vez que Carla, que segundo elas era atleta experiente, ocuparia o lugar da jogadora lesionada. Ao chegarem ao estádio, Carla já as esperava. Ela conversou com todas as jogadoras que ainda não conhecia e também conversou comigo contando-me um pouco da sua experiência de viver no exterior e jogar bola em outro país.

Carla, 25 anos, negra, trazia na cabeça um penteado afro: cabelos curtos e trançados. Ela usava roupas largas e folgadas e ao ser intrepelada por mim, pelo estilo de se vestir, apenas me disse entre risadas que “roupas masculinas e confortáveis, são melhores para preservar os meus movimentos”. Não usava brincos, adereços ou mesmo maquiagem. Acompanhando Carla, estava a companheira dela Talita. Essa também com 25 anos, era branca e possuía os cabelos compridos, alisados e loiros. Talita vestia roupas mais curtas e justas, usava bijuterias nas orelhas, dedos e pescoço e fazia uso, também, de maquiagem como rímel e batom rosa claro. Ao conversar com Talita, soube que ela não jogava futebol, mas tinha conhecido Carla por intermédio de uma amiga que também jogava.

Carla e Talita entraram nos vestiários de mãos dadas, sempre demonstrando muito afeto entre si. Enquanto Carla se trocava, Talita protegia o corpo da companheira dos olhares das outras jogadoras da equipe. Essa prática, depois, vi ser bastante comum entre jogadoras de futebol que namoram e atuam no mesmo time. Enquanto as solteiras trocam-se na frente das demais companheiras, as que possuem relacionamentos trocam-se no reservado do banheiro e, na ausência deste, as namoradas protegem o corpo da amada dos olhares das outras. Quando a jogadora em questão possui uma namorada fora da equipe, ela geralmente comparece ao jogo e aos treinos já equipada com o material esportivo, não se trocando, dessa forma, na frente das companheiras de equipe nem no começo e nem ao final da partida.

Vale ressaltar que as jogadoras não ficam completamente nuas nos vestiários, elas trocam apenas o uniforme do jogo/treino. Elas mantêm o short de lycra que fica por baixo do calção do uniforme e por cima da calcinha, bem como o top/sutiã reforçado que protege e sustenta os seios na hora da prática esportiva. Apenas uma vez presenciei duas jogadoras depindo-se por completo. Nessa ocasião, o casal em questão despiu-se e entrou no mesmo chuveiro. Quase que imediatamente, todas as demais companheiras de equipe saíram do recinto. Fui convidada pelas que saíram, entre risos, a me retirar também.

Naquela tarde, o jogo aconteceu em um estádio com um gramado em ótimo estado de conservação e com arquibancadas para alocar a presença de possíveis torcedores e torcedoras. Como era de se esperar, as arquibancadas estavam parcialmente ocupadas, algo em torno de trinta assistentes. Além dos poucos familiares e amigos pessoais das jogadoras, pude presenciar que ali estavam também alguns homens mais velhos com latinhas de cervejas nas mãos. A presença deles era inesperada e, sondando rapidamente as atletas, pude notar que

elas estavam animadas com a possibilidade de que outras pessoas estivessem interessadas na partida.

Assim que elas entraram, os homens da arquibancada levantaram-se e aproximaram-se da grade que dividia o campo da área de torcida. Eles acompanhariam o jogo daquele espaço. Posicionei-me do lado de dentro do campo, para percorrer as bordas em busca de boas fotos. Por utilizar uma câmera fotográfica própria para captação de imagens esportivas sempre pude, ao longo de todo trabalho etnográfico, estar do lado de dentro do campo e essa posição sempre me permitiu realizar a etnografia de diferentes ângulos e captar diversos tipos de comentários: ora dos bancos de reserva; ora da mesa de árbitros; ora dos torcedores que estivessem mais próximos da grade que separa o campo da arquibancada.

Com o início da partida, toda vez que Carla passava perto da lateral do campo, o grupo de homens aproximavam-se o máximo que podiam e gritavam a ela: “Isso daí não é mulher! Nem peito essa porra tem!”, “é muito macho pra ser mulher!” ou “olha o cabelo desse macho! Raspa o pelo desse macaco!”. Naquele dia, a equipe que Carla defendia ficou em segundo lugar, perdendo por 2x1, com o único gol marcado por ela. Nunca tive coragem de perguntar, depois do jogo, como ela havia se sentido no momento em que ouviu as injúrias.

Dois anos depois, em 2015, reencontrei Carla e perguntei como ela estava e como estava Talita. Ao que ela respondeu: “Talita e eu não estamos mais juntas, você não sabia? Ela se casou com um homem, poucos meses atrás e teve um filho. Estou namorando outra pessoa atualmente”. Em 2016, Carla se casou com sua nova namorada, também jogadora de futebol.

Em março de 2014, em uma noite de sábado pós-jogo, fui convidada a assistir um dos capítulos da telenovela “Em Família” na casa de Márcia, técnica da equipe que acompanhava à época. A casa da dela, situada em um bairro periférico da cidade de São Paulo, era composta por três cômodos: o banheiro, a lavanderia – onde mais tarde a acompanhei lavando, passando e costurando/consertando os uniformes da equipe - e o cômodo que servia como sala, quarto e cozinha. Nesse cômodo maior, que deveria ter aproximadamente 10m², havia um fogão, uma pia, uma mesa, uma cadeira e um sofá-cama.

Dessa forma, Márcia, eu e as 15 jogadoras da equipe nos arrumamos no cômodo. Algumas ocuparam o sofá-cama e a cadeira existentes, a maioria, contudo, ficou sentada no chão – eu, entre elas. Todas prestávamos muita atenção à telenovela, que era exibida no horário nobre da Rede Globo de Televisão⁵. Na trama, um casal de lésbicas – interpretadas pelas atrizes brasileiras Giovanna Antonelli e Tainá Müller – protagonizam cenas de um amor em descoberta. A personagem Clara, interpretada por Giovanna, era casada com um homem (interpretado pelo ator Reynaldo Gianecchini) e, depois de quase vinte anos de relacionamento com ele, percebeu-se apaixonada pela fotógrafa, Marina – personagem de Tainá.

Durante as cenas em que as duas personagens declaravam-se, prestei atenção ao comportamento das jogadoras. Os casais da equipe estavam de mãos dadas ou mesmo abraçadas – comportamento não observado dentro dos campos de jogo e treino. Depois que a novela acabou, Ana Paula e Mariana vieram conversar comigo sobre relacionamentos, sexo e sexualidade. Ambas me contaram as primeiras vezes que se apaixonaram e que se envolveram com outra mulher.

Mariana, negra, 27 anos, afirmou que sempre foi lésbica, desde criança se sentia atraída pelos corpos das colegas de escola. Então, segundo ela, não se surpreendeu quando seu primeiro beijo e sua primeira relação sexual foi com uma mulher. Segundo ela, até tentou sair com homens durante a adolescência, mas a simples ideia de ser tocada por um já a deixava deprimida e com nojo. Mariana contou ainda que já havia sido casada, morando por dois anos com a ex-companheira. A maior decepção da vida dela foi quando, ao voltar do trabalho, encontrou a ex-companheira com a melhor amiga do casal. Mariana pediu que as duas se retirassem e nunca mais as viu. Atualmente Mariana parou de jogar futebol, mas não saiu dos campos. Ela atua como auxiliar de arbitragem e namora uma colega de trabalho, também auxiliar de arbitragem. Elas conheceram-se durante os cursos de arbitragem e, geralmente, apitam juntas partidas de futebol feminino e masculino.

⁵As relações entre a telenovela “Em Família”, gênero e sexualidade tornam-se bastante explícitas a partir dessa passagem etnográfica e serão futuramente analisadas em trabalhos posteriores. Elenco aqui a tese de doutorado de Heloisa Buarque de Almeida (2001) como leitura fundamental para a compreensão da importância das telenovelas na sociedade brasileira no que diz respeito às questões de consumo e gênero.

Ana Paula, negra, 19 anos, me contou que apesar de ter iniciado sua vida sexual com um homem e ainda *ficar*⁶⁷ com homens, o grande amor de sua vida era uma garota com quem tinha se envolvido durante a adolescência. Infelizmente, segundo Ana Paula, essa garota não era *assumida*⁸ para a família, por isso a jogadora nunca pode participar mais ativamente do seu cotidiano, uma vez que fora apresentada à família da ex-namorada como amiga. Ana Paula continuou a narrativa contando que um dia a mãe da ex-namorada descobriu o relacionamento e isso gerou um conflito imenso. A mãe da ex-namorada, que segundo Ana Paula era muito *homofóbica* proibiu-as de se verem e de manterem um relacionamento. “Não durou dois meses depois que a mãe dela descobriu. Minha ex apareceu grávida de um cara qualquer pouco tempo depois. Teve que largar a escola, procurar um trabalho. E eu chorei muito quando descobri isso, fiquei de coração arrasado, mas nunca mais a procurei”, diz Ana. “Acho que hoje a mãe dela deve pensar que se ela estivesse comigo, pelo menos não estaria grávida e nessa situação, não é?!”, conclui.

A história de Ana Paula era conhecida pelas demais companheiras de equipe, que na medida em que a ouviram narrando para mim, começaram a se aproximar. Se antes Ana Paula e Mariana narravam episódios de desventuras amorosas, logo Fernanda e Sylvia juntaram-se à conversa para me explicar, em tom de diversão, como funcionavam as terminologias que elas usavam entre si nos momentos de *pegação*. Pegação é como elas chamam os momentos de flertes que acontecem em festas ou outros eventos sociais onde várias mulheres lésbicas se encontram. Dessa forma, a *pegação* começa com o flerte - uma sondagem do possível interesse da outra parte - e termina com a troca de carícias, beijos e até mesmo relação sexual. É a partir dos momentos de *pegação* que elas determinam quem são as mulheres para namorar e quais não são.

Os espaços físicos onde a *pegação* acontecem são aqueles onde as mulheres lésbicas se sentem confortáveis para exercer sua sexualidade sem medo de reprimendas ou punições. As jogadoras elencaram como lugares propícios para a prática da *pegação* os churrascos e festas na casa das amigas de equipe; os encontros em alguns parques da cidade onde existe a

⁶ Os termos êmicos aparecem em itálico.

⁷ Ficar significa beijar, conhecer a pessoa fisicamente, podendo acontecer intercursos sexuais ou não.

⁸ Assumida, ou assumir-se, significa deixar evidente aos familiares, amigas(os) e conhecidas(os) que é homossexual. Algumas vezes elas usaram a expressão *sair do armário* com o mesmo significado.

forte presença LGBT; vestiários e competições de futebol feminino; e, menos comum por causa da presença de homofóbicos, as festas nos bairros onde moram.

Durante a *pegação*, segundo as quatro atletas, havia uma separação clara entre comportamentos sexuais esperados: alguns mais aceitos e estimulados, outros menos aceitos e reprimidos. Uma lésbica que possui um estilo *bofinho* - mulher que possui jeitos de vestir, falar, se relacionar e se comportar mais despojado e frequentemente associado àquilo que se compreender por masculinizado, a exemplo da jogadora Carla, segundo elas – é super valorizada e pode se relacionar com várias mulheres sendo chamada e positivada como *cachorra*⁹. Ainda segundo as atletas, as lésbicas *bofinhos* são aquelas que geralmente realizam a performance ativa no momento do sexo: elas que fazem sexo oral nas companheiras e as penetram, utilizando os dedos ou brinquedos eróticos. Ouvi relatos de algumas das jogadoras *bofinhos*, ao longo dessa etnografia, que nunca haviam recebido sexo oral e isso não era algo que fazia falta, ou mesmo que deveria fazer parte da performance sexual de suas companheiras. A penetração vaginal também não é concebida por elas como algo essencial no intercursos sexual. As lésbicas *bofinhos* são valorizadas e desejadas para relacionamentos estáveis como namoros e casamentos.

Às lésbicas mais femininas¹⁰ existe uma série de restrições, interditos e imposições: roupas curtas ou com decotes são reprovadas pelas possíveis parceiras; unhas e cabelos precisam estar bem cuidados, e a utilização de maquiagem *mais leve*, como um batom rosa e rímel, é aceita. Segundo as quatro atletas, em concordância: “não há nada mais atraente do que uma mulher que sabe cuidar de si, que tem as unhas feitas, cabelo bonito e sabe usar batom!”. As lésbicas femininas não podem possuir muitas parceiras – concomitantemente ou alternadamente - sob o risco de serem consideradas *fáceis*. Caso uma lésbica feminina tenha muitas parceiras, esta não é cogitada como primeira escolha de namoro e relacionamento. Os argumentos para a negação são que elas, as lésbicas femininas, atraem para si muitos olhares de cobiça e flertes de outras mulheres e também de homens, o que causaria constantes desavenças, ciúmes e brigas entre o casal. As mulheres bissexuais entram, quase que

⁹ Mulher que se relaciona, afetiva e sexualmente, com várias mulheres. Contudo, sem recair sobre ela a conotação negativa de possuir múltiplas parceiras.

¹⁰ Feminina aparece aqui como categoria analítica, na ausência de uma categoria êmica entre as jogadoras dessa etnografia. Essa categoria analítica foi escolhida, também, para realizar uma contraposição às lésbicas *bofinhos*, que são percebidas, pelas jogadoras, como detentoras de uma performance mais masculinizada.

automaticamente, nessa última restrição imposta às lésbicas femininas. Elas são percebidas, pelas lésbicas *bofinhos*, como *indecisas* e *pouco confiáveis*, logo desejadas apenas para relacionamentos sexuais, mas não amorosos.

A lesbianidade entra em campo

Gênero, identidade de gênero e sexualidades são construções sociais que se expressam nos corpos humanos e, partindo dessa premissa, os corpos das mulheres desportistas é um dos campos de disputa dessas questões.

Até meados dos anos 2000, com intuito de proibir e controlar a participação nos campeonatos das atletas que não se encaixavam nos padrões heteronormativos – nos quais, sexo físico, gênero, papel de gênero e sexualidade precisam estar em consonância entre si – medidas foram implementadas pelos órgãos reguladores da modalidade que determinaram um padrão estético requerido das atletas. Para estarem aptas a jogar, elas precisariam exibir corpos mais femininos, ou seja: delicados, com curvas, cabelos e unhas compridas. Precisariam inclusive, usar maquiagem e adequar-se ao padrão de uniforme mais curto e justo. As mulheres consideradas masculinizadas – que possuísem cabelos curtos, usassem roupas largas ou agissem mais próximas de uma performance esperada de um homem heterossexual - eram sumariamente excluídas dos campos. As mulheres negras, que usavam cabelos curtos, trançados ou raspados, também eram impedidas de entrar em campo sob argumentos sexistas e racistas. Elas eram consideradas “*feras* que deveriam permanecer presas em jaulas” (REVISTA PLACAR, 1983).

A antropóloga Viviane T. Silveira e o antropólogo Alexandre F. Vaz, ao escreverem sobre esporte, doping, gênero e sexualidade entre mulheres atletas, apontam que

“a partir dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, quando uma mulher era flagrada com algum indício corporal de que poderia ter ingerido substâncias proibidas (crescimento de pelos, engrossamento da voz, diminuição dos seios, musculatura muito desenvolvida, amenorreia), passava a ser suspeita de doping e, além disso, sua identidade de gênero e sexual era questionada, tendo como pano de fundo uma questão moral. Ter um corpo que não promovesse os valores estéticos de uma feminilidade heterossexual ou que apresentasse falta de feminilidade era (e é) associado a noções estereotipadas de lesbianidade” (2014, p. 455-56).

A prática esportiva do futebol, para além dos Jogos Olímpicos, pode ser compreendida como um espaço onde a gestão política e técnica dos corpos, do sexo e das sexualidades, é realizada. Na Introdução desse artigo trouxemos um trecho de uma reportagem publicada na Revista Placar que nos mostra mulheres futebolistas sendo constrangidas em suas sexualidades no espaço esportivo. Ademar Junior, técnico da Seleção Brasileira de Futebol Feminino à época, patrulhava os corredores da Granja Comary na tentativa de proibir que as atletas mantivessem relacionamentos sexuais entre si. O editorial da Revista deixa explícito, também, que a lesbianidade é um tabu e precisa ser controlada.

Na comparação com “os tempos de Romário e cia” – época em que os jogadores promoviam encontros sexuais com mulheres durante os períodos de concentração – a conduta sexual dos homens atletas era considerada menos “trabalhosa” do que a das mulheres. Apesar de os homens fugirem para manter relações sexuais, nenhum técnico ou integrante da comissão técnica postava-se nos corredores dos quartos controlando a movimentação deles. Assim, nesse caso, a heteronormatividade apresenta-se como significativa para determinar quais condutas sexuais eram aceitas e permitidas (heterossexual dos homens) e quais não eram aceitas e, portanto, controladas (homossexual das mulheres). Essas últimas precisando de vigília constante por parte da comissão técnica a fim de evitar quaisquer demonstrações da sexualidade lésbica nos espaços de treino e jogo.

A sexualidade lésbica e o corpo masculinizado da mulher jogadora de futebol sempre foram apresentados como argumentos restritivos à presença delas em campo. O suposto perigo (DOUGLAS, 1966) que a masculinização apresenta às mulheres a partir dessa prática desportiva, bem como a jocosidade e a curiosidade frente à homossexualidade das mulheres nesse esporte se tornam evidentes também nos exemplos etnográficos.

A heteronormatividade, tão presente e arraigada no meio esportivo, reflete-se na produção e nos modos que elas exercem suas sexualidades. Os momentos de *pegação* exemplificam isso na medida em que as lésbicas *bofinho*, mais masculinas, têm um livre trânsito entre suas parceiras, podendo *ficar* e se relacionar com várias mulheres, tornando-se mais desejadas com esse comportamento e não atraindo com essa conduta quaisquer comentários pejorativos. Já as lésbicas mais femininas são colocadas em uma perspectiva mais restrita, na qual elas precisam manter comportamentos sexuais mais contidos, sem multiplicidade de parceiras. Ainda assim, as restrições direcionadas às lésbicas mais

femininas não as impedem que continuem se relacionando com mulheres e que estabeleçam laços sexuais e amorosos diversos.

As exigências performáticas estabelecidas entre as próprias jogadoras, destinadas às lésbicas femininas e às lésbicas *bofinhos*, existem para que nos momentos da *pegação* elas consigam classificar-se em mulheres sexualmente ativas e mulheres sexualmente passivas. Mesmo que no momento do intercurso sexual exista a fluidez das performances, em um primeiro momento é através do corpo que elas conseguem dar o indicativo, para as futuras parceiras, do que procuram ou esperam em uma relação sexual.

A frase “é muito macho para ser mulher”, proferida à jogadora Carla durante um dos jogos, nos mostra como a masculinização do corpo da mulher esportista é perversamente apontada como um aspecto negativo. Uma vez que evidente em seus corpos, podemos afirmar que não existe positividade nas masculinidades vivenciadas por mulheres quando elas estão no espaço público do mundo esportivo. Dessa forma, esse espaço - dos jogos, das imprensas, das organizações reguladoras desse esporte - torna-se lugar de reprodução de violências: sexismo, homofobia e racismo. Já o espaço privado esportivo – os vestiários, as casas das amigas de equipe, as confraternizações – torna-se espaço onde a lesbianidade pode ser experienciada de maneira mais segura.

As relações de masculinidades e feminilidades que se estabelecem no futebol de mulheres são relacionais, fluídas e contextuais. Se na esfera pública jogadoras masculinizadas são rechaçadas, no espaço privado elas são desejadas por parceiras em potencial. O contrário, com as lésbicas femininas, não acontece. Elas não sofrem injúrias publicamente e não sofrem com a lesbofobia¹¹ da mesma maneira que as primeiras, contudo sua conduta sexual sofre o escrutínio similar ao que as mulheres heterossexuais sofrem tanto no espaço público quanto no privado.

Dessa forma, mesmo que de maneira controversa, os espaços privados do futebol se apresentam como possíveis para que mulheres negras, periféricas e lésbicas – *bofinhos* ou femininas - possam exercer sua sexualidade de maneira um pouco mais segura. Na medida em que elas que criam laços amorosos e afetivos entre si, protegem-se, pois ampliam as redes de

¹¹Lesbofobia é uma série de atitudes e comportamentos hostis dirigidos às mulheres lésbicas, seja como indivíduos, como casal ou mesmo como um grupo social. Assim como a homobofia, a lesbofobia é a causa de muitas injúrias morais e agressões físicas que mulheres lésbicas sofrem em seu dia a dia.

proteção e solidariedade. Estar inserida no meio futebolístico enquanto jogadora significa, portanto, estar em contato com outras mulheres que dividem significados similares de vida e que podem compartilhar vivências e experiências em comum.

Conclusão

Sabemos que a maioria das mulheres brasileiras jogadoras de futebol são autodeclaradas negras e provenientes das classes mais baixas da nossa sociedade. Classe e raça andam juntas no Brasil. É claro que existem as exceções, brancas(os) e negras(os) permeiam todas as estratificações sociais, contudo a grande maioria das pessoas que permanecem nas classes identificadas como de baixa renda no Brasil atualmente pertence à população negra. À negritude somam-se as dificuldades estruturais e monetárias, oriundas da estratificação de classe, retroalimentando preconceitos e produzindo perversos arranjos sociais para negros e negras brasileiros/as.

Nos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) veremos que 60% das mulheres assassinadas entre os anos de 2011 e 2012 eram negras; e que são as mulheres jovens, negras e pobres as que mais sofrem com a violência doméstica e familiar. Segundo Mônica Gomes, representante da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, “as mulheres negras permanecem na ‘base da pirâmide’ e mesmo possuindo mais anos de estudo e maior qualificação [que os homens negros] (...) a discriminação por gênero se soma ao racismo numa conjunção ‘perversa’, especialmente diante da ideia geral de que a educação é o caminho para o crescimento e a emancipação das pessoas” (BRANDÃO, 2013).

Ainda nessa perspectiva, como nos lembra a autora Yvonne Smith

mulheres negras na sociedade e no esporte têm sido, e continuam a ser, desafiadas e silenciadas pela tripla opressão do sexismo, racismo e classismo. Por causa da múltipla opressão vivenciada por mulheres negras, elas são frequentemente afetadas por essas questões, mas de diferentes maneiras pelas quais mulheres brancas e homens negros são afetados (1992:245)¹².

¹²Livretradução do trecho: “women of color in society and sport have been, and continue to be, challenged and silenced by the triple oppression of sexism, racism and classism. Because of the multiple oppression faced by women of color, they are often concerned with the issues of, but different from, the majority-race women and the minority-race men” (SMITH, 1992)

Ou seja, se mulheres brancas sofrem com o sexismo e o classismo, e os homens negros com racismo e classismo, às mulheres negras é reservada as múltiplas opressões oriundas dessas três categorias. Todas as mulheres dessa etnografia possuem algum histórico de violência em suas trajetórias de vida: relacionamentos amorosos e familiares abusivos, racismo em ambiente familiar, escolar e de trabalho, estupros e estupros corretivos, abortos, envolvimento com tráfico local, agressões físicas e verbais na rua quando estão juntas de suas companheiras.

Nessa etnografia, aos marcadores sociais da diferença (STOLCKE, 1991; MOUTINHO, 2014; ZAMBONI, 2014) de classe, raça e gênero, soma-se ainda o marcador social da sexualidade. Muitas das mulheres jogadoras de futebol atualmente se definem – mesmo que não de maneira pública - como lésbicas ou bissexuais. Esse marcador traz para a experiência de vida delas – dentro e fora de campo - novos desafios a serem superados e caminhos a serem percorridos.

Contudo, é a partir da prática esportiva futebolística que essas mulheres encontram um espaço físico e social para subverter algumas dessas violências (PISANI, 2014). O futebol é compreendido por elas como o local de formar novas alianças e novos relacionamentos, amorosos ou não; conhecer novas mulheres; trocar experiências e afetos com aquelas que dividem o mesmo histórico de violência; estabelecer e pertencer a um grupo social; promover autoestima; desenvolver habilidade esportiva; modificar e melhorar a condição financeira da família, caso consigam uma trajetória futebolística de sucesso; exercer uma sexualidade lésbica de maneira um pouco mais segura e protegida das violências exteriores; e, se for desejado, exibir um corpo mais masculinizado.

Referências

A Bela e as Feras in Revista Placar. Outubro de 1983. São Paulo, p.50.

AIRES, Lídia Marcelle Arnaud. GESTANDO AFETOS, CONCEBENDO FAMÍLIAS: REFLEXÕES SOBRE MATERNIDADE LÉSBICA E REPRODUÇÃO ASSISTIDA EM ARACAJU-SE' 01/10/2012 115 f. Mestrado em ANTROPOLOGIA Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão Biblioteca Depositária: BICEN

ALMEIDA, Heloisa Buarque. Muitas mais coisas: telenovela, consumo e gênero. Tese (doutorado) em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2001.

AMORIM, Anna Carolina Horstmann. Nós já somos uma família, só faltam os filhos: maternidade lésbica e novas tecnologias reprodutivas no Brasil.' 01/03/2013 150 f. Mestrado em ANTROPOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

BRANDÃO, Gorete; COELHO, Marília. 2013. Negras são vítimas de mais de 60% dos assassinatos de mulheres no país. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/11/21/negras-sao-as-vitimas-de-mais-de-60-dos-assassinatos-de-mulheres-no-pais>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa, Ed. 70. 1966.

DUARTE, Marcelo; GARCIA, Sérgio; LUZ, Sérgio Ruiz Histórias da Bola in Revista Placar. Setembro de 1996; nº 119. São Paulo, p. 51.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. Em busca da excitação. Memória e Sociedade, Difel: Lisboa, 1985.

FACCHINI, Regina. Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo / Regina Facchini. - - Campinas, SP : [s. n.], 2008.

_____. Políticas para "lésbicas" e para "sapatões": diversidade, diferenças e o enfrentamento ao heterossexismo. In: Fernando Pocahy. (Org.). Políticas de enfrentamento ao heterossexismo: corpo e prazer. 1ed.Porto Alegre: Nuances, 2010, v. , p. 103-124.

FACCO, Lúcia. Boca no trombone: Literatura lésbica contemporânea' 01/04/2003 71 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Banco de Dissertações e Teses da Pós-Graduação em Letras

FARIAS, Cyntia Mirella da Costa. A adoção por casais homoafetivos como concretização do direito ao melhor interesse das crianças e adolescentes. 01/07/2012 164 f. Mestrado em DIREITO CONSTITUCIONAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, Fortaleza Biblioteca Depositária: Unifor, Ufc

FRANZINI, Fabio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, p.1-20, jul. 2005.

GROSSI, Miriam. Identidade de Gênero e Sexualidade In: Antropologia em Primeira Mão, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998.

_____. Gênero e Parentesco: Famílias Gays e Lésbicas no Brasil. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, v. 21, p. 261-280, 2003.

HOLANDA, Ismenia de Oliveira. Escrever para si, escrever sobre si: a literatura lésbica entre o virtual e o impresso' 04/02/2015 113 f. Mestrado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DE HUMANIDADES DA UFC

LACOMBE, Andrea. "Pra homem já tô eu: Masculinidades e socialização lésbica em um bar no Centro do Rio de Janeiro" 01/02/2005 91 f. Mestrado em ANTROPOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Biblioteca Francisca Keller

MARCELINO, Sandra Regina de Souza. Mulher negra lésbica: a fala rompeu o seu contrato e não cabe mais espaço para o silêncio' 01/04/2011 156 f. Mestrado em Serviço Social Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da PUC-R

MEDEIROS, Camila Pinheiro. Mulheres de Kêto: etnografia de uma sociedade lésbica na periferia de São Paulo' 01/02/2006 169 f. Mestrado em ANTROPOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Biblioteca Francisca Keller

MEINERZ, Nádia. Entre mulheres. Etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. 194 p.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. Cad. Pagu[online]. 2014, n.42, pp.201-248.

OLIVEIRA, Jainara Gomes de. Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016. v. 1. 169p .

PIASON, Aline da Silva. Mulheres que Amam Mulheres: Trajetórias de Vida, Reconhecimento e Visibilidade Social às Lésbicas.' 01/01/2009 86 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Irmão José Otão

PISANI, Mariane da Silva. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. 2012. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciencias Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianopolis, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/100982/313834.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 2013

_____. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 30 Julho 2014, consultado o novembro de 2014. URL : <http://pontourbe.revues.org/1621>.

SILVA, Daniele Andrade da. "Enfim mães! Da experiência da reprodução assistida à experiência da maternidade lésbica". 22/03/2013 134 f. Mestrado em PSICOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: BDTD/UERJ

SILVA, Giovana Capucim e. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10092015-161946/pt-br.php>>. Acesso em: 2015

SILVEIRA, Viviane Teixeira; Vaz, Alexandre Fernandez. Doping e controle de feminilidade no esporte. in Cadernos Pagu (42). Jan-jun 2014.

SMITH, Yvonne. Women of color in societuyand sport. Quest 44 (Summer 1992):228-50.

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? In Estudos Afro-Asiáticos. N° 20, 1991

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

WILLIAMS, Jean. Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011: Global Gendered Labour Markets. 20 de setembro de 2011.

ZAMBONI, Marcio . Marcadores Sociais da Diferença. Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, p. 14 - 18, 01 ago. 2014.